

O mundo conturbado que vivemos já experimentou tôdas as formas de governo, e de Estado, com resultado negativo. — O anarquismo afirma que o Estado é desordem e violência, e preconiza uma sociedade igualitária, baseada no livre-acôrdo e no apoio mutuo, irmanando todos os homens.

O LIBERTÁRIO

ANO 1 - NÚMERO 2

SÃO PAULO, BRASIL, NOVEMBRO DE 1960

A submissão anula a vontade e a dignidade humanas. Os anarquistas até nisto são consequentes; nas suas práticas de luta, não têm chefes nem chefetes.

A INUTILIDADE DOS GOVERNANTES

Quando falamos da inutilidade do sistema governamental, as pessoas pouco afeitas ao exame dos acontecimentos políticos, esboçam um leve sorriso de indiferença como se tivessem ouvido a maior das heresias. Entretanto, aqui mesmo, nesta mastodônica e bulhosa capital, podem colher-se os materiais probatórios que confirmam a nossa assertiva.

É opinião corrente e geralmente aceita de que a gestão governativa do sr. Jânio Quadros, e agora de Carvalho Pinto, são as mais probas e honestas verificadas nestes últimos cinquenta anos. E é, também, ponto pacífico, que nenhum outro homem político posto no lugar dos dois que acabamos de mencionar, teria manejado com maior destreza e acêrto a desconjuntada máquina estatal. O Estado de São Paulo, cujo tesouro estava descascado, raspado até o fundo do seu cofre, completamente destróado em suas finanças, foi miraculosamente reerguido e nivelado em seu poderio econômico, e capacitado, portanto, a desempenhar o seu patriarcal papel de tutor indispensável à vida dos cidadãos paulistas.

Ora, estando o sr. Estado completamente restabelecido, gozando de boa pressão arterial monetária e de perfeita saúde de domínio, era de esperar-se que os males que tanto afligem esta martirizada população, comessem a diminuir de tensão até se estinguirem os seus terríveis malefícios. É aqui onde salta, clara e meridionalmente, a inutilidade dos governantes já que, as mazelas pungentes que tanto assoberbam a vida da maioria do povo, continuam endêmicas e insidiosas terrivelmente agarradas aos esqueléticos corpos dos deserdados da fortuna.

O aterrador encarecimento dos viveres segue triunfalmente a ascensão sem paradeiro possível. Os remédios tornaram-se objetos astronômicos e continuam a subir para desaparecerem nas impossibilidades aquisitivas do povo. Médicos e hospitais são um problema simplesmente aflitivo. A vestimenta só é possível adquiri-la através de escorchantes prestações. A instrução, a mediana instrução, consegue-se sacrificando boa parte do orçamento da família. A condução obrigatória para o trabalho, constituiu-se num verdadeiro pesadelo. A água, que não precisa ser fabricada e nem importada, falta na maioria dos bairros desta macrobiana capital que já festejou, pomposamente, quatrocentos anos de existência. Então, quantos séculos são necessários ao governo que cobra toda sorte de taxas, para que possa mandar colocar um pouquinho d'água nos canos dos infelizes contribuintes?

Dos quinhentos casos de desidratação atendidos nestes dias em estados de emergência, ficou provado, para vergonha dos governantes, que aquelas pobres criancinhas sofriam unicamente de fome... de fome e nada mais.

Isto, num Estado onde as finanças burburinham de alegria e os homens da lei e da disciplina cívica, exibem atestados de cadadura moral ultra-resplandecentes.

Parece-nos forçoso um raciocínio.

Se os homens postos à testa do govêrno, são bons, honestos e bem intencionados; se o Estado se encontra em plena solvência monetária, e não acode às súplicas lamentosos dos súditos que trabalham e produzem toda a riqueza da nação, não resta a mínima dúvida de que a máquina governativa, com todos os seus pilotos e tripulantes, revela-se simplesmente inútil, inoperante, e como coisa completamente à parte das necessidades inadiáveis que o povo tem.

Infere-se, dessa balbúrdia toda, que os carunchosos direitos romanos que ainda soerguem os princípios da propriedade privada e da exploração do homem pelo homem, estão reclamando, perentoriamente, modificações sociais profundas, compreendidas dentro da filosofia e doutrina do verdadeiro socialismo libertário, que tem, como fundamentos precípuos, a igualdade econômica e social, marco inicial para o estabelecimento da tão desejada fraternidade universal.

Para se concluir que o Estado é um organismo nascido da extorsão e do roubo, portanto desnecessário, basta atentar para os seus deploráveis e calamitosos efeitos. Sua trajetória, salpicada de sangue, exala dor e tragédia.

A inutilidade dos governantes é já matéria vencida. Sua existência é, apenas, uma questão de força.

Fulton Shee e o Comunismo

Fulton Sheen, bispo-auxiliar do Cardeal Spellmann, de Nova Iorque, anda ou andou por aqui e, se não veio de propósito, aproveitou, pelo menos, a oportunidade que se lhe ofereceu para "criticar" o "comunismo" e, consequentemente, fazer propaganda clerical.

Segundo "O São Paulo", órgão oficial da Arquidiocese de S. Paulo, Fulton disse que os comunistas "vivem a distribuir pelo mundo mentiras e mais mentiras". Infelizmente, neste particular ninguém poderá desmentir o bispo; mas, pergunto eu, porventura o mentir é um privilégio da Igreja romana? O próprio jornal ao qual estou-me referindo afirma que o bispo "se recusou de responder perguntas de caráter político em relação ao pleito presidencial de sua Pátria, dizendo que "a política não é função da Igreja" e logo em outra página do mesmo número vem uma descrição do pronunciamento da Igreja francesa em face do problema argelino. Pois bem, tal pronunciamento, além do seu caráter político, começa por pronunciar-se contra os intelectuais franceses que aconselham os moços à insubmissão militar a fim de não irem para a guerra na Argélia.

A Igreja romana, que tem a pretensão de ser católica (do gr. katholikos, universal), teve por berço a mentira e só através de mentiras conseguiu até hoje subsistir. Está longe de dominar em toda a parte, apesar de tudo, e jamais existiu em todos os tempos, conforme pretende.

No Rio, Fulton pronunciou, na Pontifícia Universidade Católica, uma conferência (ou um sermão?) para uma assistência composta de religiosos, professores e universitários, que teve por tema: "Comunismo e seus Princípios".

Segundo Fulton, Marx "não sabia qual era o sentido da vida proletária, pois nunca havia trabalhado em sua vida". E como prova acrescentou que "a esposa de Marx disse ao marido, certa vez, que se ele deixasse de escrever sobre o Capital e trabalhasse o Capital teria melhores resultados".

Imagina, prezado leitor, quem nos vem dizer isso: — um dos representantes máximos de uma religião que teve por origem a vagabundagem. Vagabundagem

e mendicância, dois dos principais baluartes nos quais até hoje se mantem. Sob este ponto de vista eu estou com a Igreja romana quando nos diz que é a Igreja de Cristo, posto que, para tanto, ela tem por base o próprio Evangelho. Contudo, a Igreja julga ter um sentido da vida proletária.

O bispo disse que há duas teses comunistas que consideram a religião como corrupta e a propriedade como fator que torna o homem dependente do patrão. E que, segundo os adeptos de tais doutrinas o dia em que os trabalhadores livrarem-se de Deus e dos patrões resolverão seus problemas definitivamente. E o correspondente, no Rio, do jornal de que estou colhendo estes dados (aliás, uma folha de grande prestígio intelectual) afirma, não sei se por conta própria ou apenas como informação, que "Fulton Sheen refutou ambas as teses, afirmando que a liberdade não é uma concessão que se faz a alguém, mas um direito que Deus dá a todos".

Poderá tal refutação ser levada a sério por quem quer que seja? Que a religião, sobretudo a católica, é e tem sido, através dos séculos, corrupta e corruptora, é um fato incontestável e neste sentido há toda uma literatura especializada. E que a propriedade privada é um fator que torna o homem dependente do patrão, quem o poderá negar? Só mesmo um bispo. Aliás, não vejo em que consiste a refutação, quanto a este detalhe. Quanto a Deus, consta que só Moisés o viu, uma vez, a larga distância e pelas costas. Do que se pode concluir que não lhe foi possível identificá-lo... Não obstante, a Igreja romana e muitos dos seus crentes falam de Deus e seus desígnios como se com ele vivessem na mesma pensão e até no mesmo quarto.

Entretanto, há uma observação a fazer em desabono de Marx: o marxismo acha que para resolverem definitivamente os seus problemas, os trabalhadores devem livrar-se de Deus e do patrão; mas no lugar deste Deus e deste patrão coloca outro Deus e ao mesmo tempo patrão, ainda mais despótico: — o Estado totalitário. Haja vistas, por exemplo, o que os discípulos de Marx fizeram

(Conclui na pág. seguinte)

E A FARSA CONTINUA...

A nossa vizinha república Argentina, que outrora foi berço das liberdades públicas e refúgio predileto de todo perseguido político ou social, encontra-se agora dolorosamente colocada num polo completamente oposto, formando parte do rol dos países francamente reacionários.

Este descabro político iniciado em 1930 pelo infausto general Uriburu, seguiu sua queda vertical levando de roldão todas as garantias constitucionais que faziam do cidadão argentino um homem quase livre.

Todavia, os trinta anos de ditadura militar que culminaram na odiosa e sanguinolenta dominação Peronista, não puderam destruir o espírito profundamente libertário arraigado em plêiades numerosas de militantes e muito bem assimilado pelo proletariado argentino através das lutas e da propaganda do passado. Foi assim que, no primeiro de Maio de 1958, enquanto Frondizi, depois de um rompante discurso em que jorrava liberdades a torrentes, assumia a presidência da república que ganhara nas urnas enganando a

todos, e principalmente aos peronistas, que condicionaram seus votos ao retorno de Peron, a Federación Obrera Regional Argentina, organização sindical revolucionária, tomava as praças públicas em comemoração aos mártires de Chicago e reafirmava os seus princípios e suas finalidades anarcosindicalistas.

Alguns sindicatos, poucos, é bem certo, saíram da clandestinidade e recomeçaram a luta conclamando os trabalhadores a se organizarem fora da tutela do Estado. A palavra libertadora da F.O.R.A., e a atitude, como sempre, robusta e franca dos sindicatos a ela aderidos, causaram uma forte impressão nos outros setores que consideravam os anarquistas como classe extinta na Argentina. Particularmente ao governo fascizante de Frondizi, que se dizia reconduzidor do país às legítimas garantias democráticas, o reaparecimento vigoroso dos anarquistas causou tal espécie que valendo-se da máquina de repressão policial montada pela imaginação diabólica de Peron, prendeu, torturou e deportou

para as longínquas e inóspitas regiões do sul da Argentina, a mais de quarenta militantes pertencentes a organizações operárias aderidas à F.O.R.A., entre os quais Carlos Cristof, por nós conhecido quando ali estivemos em 1958. Enquanto de um lado, estes operários eram torturados e levados de cárcere em cárcere, a fim de despistar amigos e familiares que por eles se interessassem, por outro lado, o "ze-lozo" governo argentino provocava um caso internacional reclamando a volta do celeberrimo massacrador de judeus, Adolf Eicheman, querendo mostrar com isso, que, na Argentina, a personalidade humana é inviolável.

Acreditamos piamente que em se tratando dum carrasco nazista, os governantes platinos consideram osse "persona grata", inviolável. Ao invés, porém, muito ao invés se se tratasse de um anarquista, Frondizi aplaudiria freneticamente o sequestro praticado pelos homens de Israel. E, enquanto vociferava ridiculamente, reclamando o direito de asilo para aquele assassino con-

fesso, iena abominável, truculento capataz dos fornos crematórios onde os judeus foram torrados como adubo imprestável, dava sumiço a mais de quarenta cidadãos argentinos, unicamente porque reclamavam o direito de livre associação.

Trinta e cinco destes companheiros presos pertencem à "Sociedad de Resistência de Plomeros y Anexos; quatro, são choferes e um é padeiro.

Todos estes homens pertencentes ao movimento anarcosindicalista da Argentina, encontram-se à disposição do poder executivo, situação essa que lhe impede toda e qualquer defesa legal e jurídica.

Como se o país estivesse em permanente estado de sítio onde as garantias dos cidadãos fossem literalmente suprimidas, assim é, de fato, a situação dos quarenta militantes da F.O.R.A.

Sem **abeas corpus**, sem leis, sem advogados, sem recursos jurídicos de nenhuma espécie, completamente à mercê dos istrionicos caprichos dum truão, em plena "democracia" e na segunda metade do século XX, os anarquistas continuam dando a própria vida em benefício da transformação social. Transcrevemos a seguir um pequeno trecho do apelo feito pelos nossos companheiros argentinos: — "Unicamente a ação solidária dos companheiros será capaz de abreviar a já dura peregrinação que, de prisão em prisão, e distanciados de seus familiares e amigos, sobrelevam, com alto espírito de sacrifício, estas vítimas da reação e do ódio de classe".

Este apelo é eloquente e suficientemente claro no que diz respeito às liberdades públicas na vizinha nação platina. Os anarquistas de lá continuam sendo perseguidos, torturados e deportados, como nos desbragados tempos das ditaduras de Uriburu, Justo e Peron.

O Estado segue assim o malabarismo de sua macabra trajetória. Totalitário ou democrático, muda apenas de nome, mas a essência, a pestilenta essência é sempre a mesma.

E a farsa continua...

Pedro Catallo

Não jogue fora esta folha depois de a ler. Passe-a adiante, para que outros a leiam.

FULTON SHEE ...

da Rússia, desde que tomaram o poder.

Fulton tem a pretensão de ser um ativo conversor de comunistas ao catolicismo e para tal fim imaginou um método de grande transcendência... Convida-os (um de cada vez) para um almôço com a prévia condição de não se falar em comunismo e nem em catolicismo. E depois do estômago cheio, o comunista, se ainda não é católico, promete, ao despedir-se, que tratará de melhor conhecer as idéias cristãs.

Assim é que, com tal processo, converteu ao catolicismo um grande dirigente do Partido Comunista Norte-americano e uma a advogada comunista de grande prestígio. Mas não lhes citou os nomes, embora, no caso, isto não deixasse de ser muito interessante.

Com o dirigente comunista o bispo falou sobre democracia. É claro, em nossos dias é preciso falar-se, divulgar-se, tanto quanto possível, uma das maiores mentiras, entre as convencionais, da nossa civilização.

No caso da advogada, que para maior prestígio do bispo ela também deveria ser de "grande prestígio", o debate travou-se em torno do Tempo, da Eternidade, da Matéria e do Espírito.

Como se vê, muita coisa para o relativamente curto período de um almôço, regado, é intuitivo, com aguçado extraída dos toneis da teologia.

Fulton Sheen referiu-se "às per-

seguições havidas na China Continental e noutros países comunistas" e quanto a isto nada há a refutar; mas a má fé deste e de outros bispos é evidente quando ao falarem em perseguições omitem Franco, Salazar e outros déspotas católicos apoiados pela própria Igreja. Mas se a liberdade é, conforme afirma o bispo, um direito que Deus dá a todos, por que é que Deus permite que gregos e troianos a suprimam? Tem a palavra o bispo, como um dos tantos procuradores do Padre Eterno sobre este vale de lágrimas.

"É preciso — assevera Fulton Sheen — que, através do trabalho, se restaure a dignidade do homem que o comunismo destrói".

Ora, a dignidade humana vem sendo destruída há muitos séculos e para tanto a Igreja tem sido de uma eficiência extraordinária. E se eu aqui tivesse espaço para demonstrá-lo largamente, seria um não mais acabar. Não há dúvida que a dignidade do homem, através do trabalho, deve ser, não restaurada, porque, a rigor, ela jamais passou de um mito, porém estabelecida, em todos os setores e sob todas as formas. Portanto, sr. bispo, vá tirando a batina, arregaçando as mangas da camisa e mãos à obra porque para estas coisas não há como o exemplo.

Concluindo sua conferência, Fulton Sheen disse que, afinal, os comunistas não convencem ninguém de que Deus não existe e que apenas provam que existe o mal e o demônio (sic).

E acha pouco? Não é preciso

ir mais longe para colocar em maus lençóis a teologia.

Se os comunistas ou quem quer que seja não convencem de que Deus não existe, por que é que a Igreja tem tanta prevenção contra o ateísmo? Não é preciso muita perspicácia para se observar que o que a preocupa é menos a crueldade do regime "comunista" do que o seu ateísmo.

Por outro lado, por que é que existem o mal e o demônio? Segundo a teologia, Deus é o criador de tudo; logo, também criou o mal e o demônio. Mas sendo Deus infinitamente bom — sem o que não poderia ser Deus — não pode nem pelo menos ter noção do mal, quanto mais tê-lo criado. E não tendo noção do mal, Deus não é onisciente, não é infinitamente sábio.

Quanto ao demônio, síntese, aliás, de todos os males, por que é que Deus não o destrói? Não pode? Então não é onipotente, não é todo-poderoso. Não quer? Então não é nem relativamente bom. De maneira que não sendo possível considerá-lo, justificá-lo, reconhece-lo através de seus supostos atributos, Deus não é Deus. Em suma: Deus não existe.

E lamentável, já que, atualmente, na sua convencional demagogia a Igreja também fala em democracia e liberdade, o bispo Fulton Sheen não tenha escolhido, para proferir a sua conferência, um local mais arejado a fim de que alguém, eventualmente, lhe pudesse dizer estas e outras coisas.

Oswaldo Salgueiro.

BUENAVENTURA DURRUTI

Símbolo da defesa de Madrid

Todo ser humano que fez oferenda de sua vida em prol de uma causa nobre, justa e humana, deve ser, para nós, objeto de recordação constante e imperecível.

E quando citamos um nome, como neste caso, não é, precisamente, porque nos esqueçamos dos demais.

Não o fazemos com a exaltação do fanático cego e inconsciente que vê e recorda, no comemorado, somente a figura dum chefe.

Há pessoas que por seus feitos, por suas características especiais e por certas coincidências da vida, chegam a converter-se em símbolos.

E Durruti simboliza o herói popular.

E para nós, anarquistas, representa um exemplo de fé revolucionária e de estímulo na luta pela conquista dum amanhã no qual a humanidade possa gozar de liberdade, de bem estar e felicidade.

É impossível lembrar a Madrid de novembro de 1936, sem lembrar Buenaventura Durruti. Ambos estão intimamente ligados porque foi ali o final de sua longa vida de lutador incansável.

Ele que dedicou toda sua vida, ainda muito jovem, à ação revolucionária e que nunca escondeu o peito ao perigo; ele que sempre disse: "VAMOS" havia de ter por força um fim muito diferente daqueles que dizem "ARMEMOS-NOS E IDE". Viveu para a luta e na luta morreu.

Os anarquistas não poderemos esquecer jamais esse grande revolucionário que na Espanha ou na França, na Europa ou na América, em Catalunha ou em Aragón, em Barcelona ou em Madrid, no Sindicato ou no fronte, sempre respondeu: "PRESENTE".

Por seu ódio aos tiranos e por seu grande Amor ao povo, não pode este mesmo povo esquecer a figura máscula e nobre de seu filho legítimo que sempre deu tudo sem nunca pedir nada.

SALVE INOLVIDÁVEL DURRUTI.

J. V.

MADRID HERÓICA

Hão passado vinte e quatro anos desde aquele inolvidável Novembro Madrilenho. Naquêles heróicos dias de 1936, o povo de Madrid amalgamando corações, ideais e anseios de justiça e liberdade, escreveu com seu sangue uma das páginas mais belas da história revolucionária.

Nunca o olvidaremos. Recordar efemérides, figuras, feitos e epopéias com características e finalidades de redenção humana, é, ademais de um dever moral, uma necessidade. Porque recordando meditamos e meditando extraímos ensinamentos de alto valor social para futuros empreendimentos revolucionários.

Recordamos — e com quanta emoção! — aqueles dias de luta heróica, de sacrifícios e de esforços inimagináveis do povo Madrilenho e de seus irmãos de outras regiões e comarcas, que acudiram em sua ajuda, pertinazes, conscientemente empenhados na destruição da hidra fascista e totalitária ao grito unânime de "NO PASARAN".

O vaticínio de todos os que pensavam que o avanço do muito bem petrechado e organizado exército fascista internacional seria simplesmente um passeio militar, converteu-se no mais vergonhoso descalabro dos planos traçados pelos melhores estrategistas militares, traidores espanhóis e seus colegas alemães e italianos.

Sofreram este descalabro porque não tiveram em conta que, quando a chama revolucionária inflama os corações, estes chegam a vencer tanques e metralhadoras.

Muitos foram os heróis dessas memoráveis jornadas que brindaram generosas vidas em holocausto da liberdade, porém os fascistas não passaram!

Somente vinte e sete meses depois, quando já a revolução havia sido apunhalada pelas costas, e quando todo o mundo, sem excetuar as chamadas democracias, se concluiu contra o heróico povo espanhol, puderam entrar em Madrid as hordas bárbaras e mercenárias.

Nunca olvidaremos aquele Novembro Madrilenho de 1936, e tampouco olvidaremos os que com seu sangue escreveram, em letras de fogo, a história da revolução espanhola. A melhor homenagem que podemos prestar aos caídos naquelas épicas jornadas, deve ser a nossa afirmação sincera de que saberemos mantermos dignos déles e de seus sacrifícios, fazendo o possível para que tanto sangue derramado não tenha sido em vão.

A. R.

Oh Liberdade!

«Desde uma cidade da Costa Azul, um companheiro francês, íntimo de Albert Camus quando vivia, obsequiou esta preciosa página inédita do saudoso escritor, cujo manuscrito nosso amigo guarda como um tesouro.»

Oh Liberdade! por que teu culto precisa de tantos sacrifícios?

Por que os que mais te amam são, sempre, os que menos te possuem?

Um povo inteiro, apaixonado por ti, bateu-se com coragem e ardor para poder conquistar-te... e caíram trinta e cinco mil ilusos por amar-te com fervor: foi em Paris, a Comuna.

Outro povo enamorado que, para não chegar a perder-te luta durante três anos com o sublime idealismo do Quixote contra os negros malandrins que te ultrajam... e outro povo destruído, e espargido pelo mundo o melhor de suas essências humanas: Espanha.

Mais um povo que te ama e se lança a defender-te contra a fera asquerosa que mais te escarnece e ofende... e outro bárbaro massacre, e outro povo que continua na maior escravidão: Hungria.

Oh Liberdade! Por que teu culto precisa de tanto sacrifício?

Por que, oh liberdade, estás sempre ausente das sociedades humanas?

Não és tu, acaso, a natural e genuína companheira do homem?

Por que, oh liberdade, ha seres e doutrinas que ousam ultrajar-te e aspiram torvamente eliminar-te?

Acaso pode-se viver sem ti, oh Liberdade?

Por que, ho liberdade, teu culto precisa de tantos sacrifícios?

ALBERT CAMUS

(De "Tierra y Libertad").

Delinqüir

Delinqüir é faltar às leis.

E delito é tudo o que se faz fora e contra a lei.

Daí que, delinqüente, seja todo aquele que não ajusta o ritmo de seu viver ao labirinto intrincado das leis.

E estas, as leis, foram pensadas, escritas e aplicadas, por uns homens, para submeter e expoliar, com elas, outros homens.

Cada tirano, ou cada grupo de tiranos, confecciona as leis que interessam ao mais amplo exercício de sua tirania. E cada grande expoliador, ou grupo de grandes expoliadores, estabelece as leis que legalizam seus grandes latrocínios. Daí que o delito seja essencialmente convencional e que, a delinqüência, não radique na espécie do ato nem no ato mesmo, mas nas circunstâncias em que a ação se realiza.

Assim, pois, não é delinqüente, segundo as leis, o general que ordena uma "operação" que custa a vida a milhares de pobres seres. Nem o é o fabricante que explora milhares de operários para amontoar riquezas, enquanto que, os que a produzem não tem o que comer. Nem o é o comerciante que destrói os produtos para que, com a escassez, possa obter redobrados lucros. Nem o são os governantes que preparam as guerras que afundam na debacle toda a humanidade.

É delinqüente, entretanto, o faminto que toma um pão onde o houver, e que colhe o fruto duma árvore que espontaneamente e naturalmente o oferece. Também o é, o humano que se nega a matar quando a pátria lho ordena, o homem que não quer sujeitar-se a indigna escla-

vidão, o pensador que semeia idéias que fortalecem a personalidade. E é delinqüente, no mais alto grau, neste caso, aquele que se atreve a dizer aos quatro ventos que o viver atual está baseado na iniquidade, na maldade e na mentira; que não é de origem divina, senão humana, o estabelecimento das hierarquias sociais; que a divindade é uma invenção idiota dos que quiseram encontrar explicação ao que sua ignorância não podia compreender, ou um malvado ardid dos que quiseram perpetuar estados de ignomínias; que somente sem tirania e sem exploração é possível essa vida que sempre sonharam os homens; que não é sonho mas sim realidade prática viver sem a avareza do amo, sem o brevíário do cura, sem a promessa do político, sem o chicote do gendarme; que, afinal, destruir o carcomido edifício do atual sistema de vida, para construir outro que seja digno, é trabalhar para a mais humana de todas as realizações.

Por isso os grandes rebeldes foram sempre grande delinqüentes.

(Da revista Tierra y Libertad).

O LIBERTÁRIO

Porta-voz do movimento anarquista brasileiro

Diretor responsável:

PEDRO CATALLO

Redação e administração:

R. RUBINO DE OLIVEIRA 85, 1.º
Caixa Postal 5739 - São Paulo

Assinatura anual: Cr\$ 100
Número avulso: Cr\$ 5

URGEM DO SINDICALISMO

...de completar-se mais um ciclo de lutas por aumentos salariais. Campanha que se está tornando corriqueira, como as festas juninas ou práticas de semana santa. De novembro a novembro, os gêneros vão subindo de preço; metade por hábito e metade pela inflação, duas coisas distintas e um só roubo verdadeiro. E, ao fim de cada período, aumento de salários.

A alta dos preços alcança a média de 50% em cada ano. Os aumentos de salários concedidos vão de 25 a 40%, segundo o grau de combatividade e de revolta registrado em cada setor do trabalho. Entretanto, de ano para ano, vai caindo o padrão de vida dos trabalhadores. Já "perderam" o hábito de comer manteiga há uns cinco anos; há quatro deixaram de comer ovos e frutas; nos últimos dois anos passaram a conformar-se em só olhar para o peixe, e quase perderam o gosto do tradicional feijão...; agora não estão gostando mais da carne nem das gorduras animais...

O comércio de utilidades, na falta de compradores, viu-se forçado a vender sobre o dia de amanhã, naturalmente com preços que compensam a larga espera dos pagamentos e a desvalorização da moeda durante esse tempo. E entre as prestações e a alta constante, os trabalhadores vêem-se obrigados a diminuir o apetite e a apertar o cinto.

As crianças dos trabalhadores morrem de fome (chamam a isto desidratação); as possibilidades de instrução vão diminuindo, o número dos que ganham salário mínimo vai aumentando, os menores e as crianças são a mão de obra preferida pelos industriais menos escrupulosos.

Esta, a largos traços, a situação que a política desenvolvimentista criou para a maioria da população.

* * *

E os sindicatos? Onde estão esses órgãos de defesa dos trabalhadores?

Bem. Os sindicatos e a maioria de seus dirigentes praticam o nacionalismo (desenvolvimentismo), ajudando a formação de trustes cada vez mais fortes, em concerto armônico com a política dos mesmos e de seus mandatários, os "nossos" risonhos governantes. Estes líderes obedecem a duas batutas: Uma que comanda o desenvolvimento da indústria (à custa exclusiva dos trabalhadores) para fazer sombra à indústria dos norte-americanos... Os grandes mestres desta música comem de dois lados: dos industriais satisfeitos, mesmo sendo americanos do norte, e dos inimigos potenciais dos norte-americanos. A outra é comandada pelo governo, que também é nacionalista como todos os governos, e que azeita a boa vontade dos grandes líderes com os dinheiros dos fundos sindicais.

Quanto aos pequenos líderes, acham que sua missão fica cumprida com as "conquistas" dos aumentos de salários.

* * *

A verdade, entretanto, é que os sindicatos não conquistam coisa alguma. Os aumentos viriam de qualquer jeito, mesmo por simples decreto, como é o caso do salário mínimo. E que ninguém é tão besta que deixe morrer de fome quem lhe planta a terra e põe em movimento suas indústrias.

* * *

A luta mais imediata dos sindicatos, se livres e bem orientados fossem, seria pela estabilização econômica, sem importá-lhes que isto implicasse em sinal vermelho para o histerismo desenvolvimentista. Conseguida a estabilização e reajustadas as condições de vida em melhor padrão, poderiam então reencetar as lutas por conquistas reais, lutas que estão em suspenso desde que a onda fascista gerou entre nós o primeiro "pai dos pobres".

* * *

É verdade que já houve uns pobres ensaios de luta pelo congelamento dos preços. O primeiro constou de uma chantagem em que alguns líderes arrancaram dos governantes, sob ameaça de greve geral, polpudos empregos. O segundo saiu de uma reunião sigilosa de amigos do "Cavaleiro da Desgraça"; acostumados à obediência, julgaram que a massa também obedeceria, mesmo sem preparo, e decretaram uma greve geral, que não foi geral nem entre eles mesmos...

Este ensaio foi de consequências mais graves. É que, uma greve fracassada, desencoraja e tira a confiança dos trabalhadores em sua arma principal de luta. Isto não pode ser desconhecido do chefe máximo dos conluídos, que nada fazem sem ordem sua. Será que, para favorecer seu "nacionalismo de encomenda", pretendeu capar por longo tempo a ação dos trabalhadores? Não sabemos ao certo. Mas, de duas uma: ou houve burrice e falta de visão, ou houve visão demais e tudo foi premeditado.

* * *

No último congresso sindical realizado no Rio de Janeiro, entre centenas de teses e moções aprovadas, uma reconhecia inicialmente que eram inócuas as lutas por aumentos de salários na atual conjuntura inflacionista; aconselhava mais atenção para a condição dos trabalhadores como consumidores e recomendava a luta frontal contra o descaso governamental neste particular.

Os autores da tese devem ser grandes sonhadores ou se esqueceram de que tudo se faz, no campo sindical, sob o comando das duas batutas antes citadas.

* * *

O nosso pobre sindicalismo, transformado em amortecedor

CUBA E SEU DESTINO

Poucos revoluções no mundo não tido as simpatias com que contou o povo cubano em sua luta contra a tirania de Batista. O gesto de Castro e seus escassos companheiros, internando-se em Sierra Maestra para iniciar a batalha que havia de dar ao traste com a pandilha de desalmados que se havia encaramado no poder mediante um impudico golpe de força, teve a virtude de aunar a admiração e o apoio moral de quantos no mundo consideram que a liberdade é o mais precioso dos direitos humanos.

Assim, quando no primeiro de Janeiro de 1959, se teve a notícia da fuga do tirano e seus mais achegados sequazes, houve alegria geral. A liberdade e os direitos dos povos não podiam ser conculcados eternamente se estes, os povos, estavam dispostos a oferecer suas vidas, para reconquistá-los.

Em Cuba, só eram partidários de Batista aqueles que lucravam com seu regime. Os insurgentes, antes e em seu triunfo, contaram com quase a totalidade dos cubanos; negros e brancos, capitalistas e mendigos, industriais e proletários, anarquistas e socialistas, católicos e protestantes, comunistas e fascistas; até os "Caballeros de Colón".

Porém, uma revolução não é possível que beneficie a todos.

Existem demasiados interesses em pugna para que algum deles não se considere prejudicado logo nos primeiros câmbios.

Qual tem sido a solução? E, para onde vai Cuba?

Em primeiro lugar, o povo cubano carece de uma formação político-social. As diversas correntes do pensamento filosófico que buscam uma solução ao problema humano não lograram prender-se a ele. Os partidos políticos, mais do que pelo programa, somam adeptos mercê da personalidade de quem os acaudilha. E qualquer demagogo "bem falante" pode converter-se em caudilho. Nos partidos e nas organizações proletárias, pululava e proliferava toda uma gama de truões e falsos redentores sem outra aspiração que a de encherem os bolsos à custa de multiplicar a miséria secular do povo. Contra isto, contra a vil exploração de dentro e de fora, levantou-se o povo de Cuba. E para acabar de uma vez com essas calamidades, deixou mais de vinte mil mortos espalhados em seus campos e cidades.

Sem um plano definido, apenas pelo instinto de ser livre, o povo cubano fez a sua revolução. Porém, isso não basta; tem o dever de estar alerta para que

lhe não seja escamoteada. Toda revolução que advém do poder pessoal de um só homem ou de um só partido, marcha com passos de gigante para uma ditadura. Viu-se na revolução russa, e Fidel Castro, com as lisonjas e o decidido apoio dos comunistas de dentro e de fora do país, começa a seguir os mesmos roteiros.

A nós, anarquistas, não nos adormece a interessada propaganda das agências monopolizadas pelo imperialismo norte-americano. Também não o conseguirá nenhum redentor de novo cunho, por mui muita loquacidade que tenha. Há realidades que nenhuma propaganda, nem nenhum grito lamentoso poderão ocultar. Não acreditamos na verdade exclusiva de ninguém, mas quando essa verdade necessita apoiar-se na força, muito menos.

Estivemos ao lado de Castro quando simbolizava a luta pela liberdade do povo. Nos encontrará frente a frente tão logo essa liberdade deixe de ser patrimônio de todos, para se converter em direito de fazer e desfazer de um só partido. Bem sabemos que algo semelhante está acontecendo na ilha antilhana. Aos anarquistas não se lhes permite ocupar cargos nos sindicatos operários. Não por "contra-revolucionários", mas sim porque jamais transigirão com os escamoteadores da revolução.

E conste que não nos escapa de que passaram a ser "inimigos da revolução" todos os que não aceitam ser lacaios dos Castros e do partido comunista.

GUILARTE

O Estado administra...

Nossa grande metrópole tem um governo que administra várias coisas e entre elas uma empresa de transportes coletivos, a famigerada CMTC. Esta vive acumulando dívidas, sangrando os cofres de outros governos, saqueando os bolsos do povo e saqueando-se a si mesma em seu patrimônio e rendas. Não há dinheiro que chegue e isto é confessado até por seus próprios diretores... E, enfim, uma administração estatal.

Para nós, isto não é novidade. Com tantos diretores e subdiretores, chefes disto e daquilo, secretários e secretários dos secretários, tesoureiros, milhares de funcionários e enchedores de muringa, etc., e, naturalmente, alguns milhares de operários para sustentarem a todos, o resultado não podia ser outro.

O que nos revolta, entretanto, é este outro fato: há empresas particulares fazendo os mesmos serviços, que estão em franca prosperidade, apesar de pagarem taxas e "luvas" à CMTC e a quem de direito... E o governo municipal concede aumento de tarifas a essas empresas por simples questão de equidade...

O povo que pague e se dane, pois podia, pelo menos, ter acompanhado os torcedores do "Cacareco", um candidato que não faria nenhuma administração...

da rebeldia contra a fome, está sendo vítima da mais desavergonhada das traições, por um lado, e sofrendo o escárnio dos grandes magnatas da indústria por outro. A arma dos trabalhadores, domesticada pelo fascismo estadonovista, continua em mãos inimigas.

Por quanto tempo ainda? Só

os trabalhadores poderão responder. Mas o engodo não pode eternizar-se. A minoria de dirigentes bem intencionada não deve ter contemplações com os agentes ministerialistas nem com os que, servindo o urso branco, desservem os sindicatos e as finalidades do sindicalismo.

B. X.